

A TECNOLOGIA E AS PRÁTICAS DECOLONIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Tânia Maria Hetkowsk¹
Tarsis de Carvalho Santos²

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo delinear uma breve discussão acerca do entendimento das Tecnologias como ação do pensar e agir humano, materialização do processo criativo na mobilização de práticas decoloniais. Para tanto, tomamos como questão principal a ser discutida: Como as tecnologias mobilizam práticas decoloniais na contemporaneidade? Compreendendo que as tecnologias podem ser usadas como ferramentas poderosas para ajudar no processo de descolonização, promovendo a democratização à informação, a comunicação entre comunidades, o empoderamento das comunidades locais e a preservação e revitalização de línguas e culturas ameaçadas pelo colonialismo a partir de um processo humano e criativo que envolve aspectos materiais e cognoscitivos.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; Decolonialidade; Contemporaneidade; Sociedade; Empoderamento.

ABSTRACT: ABSTRACT: This essay aims to outline a brief discussion about the understanding of Technologies as an action of human thinking and acting, materialization of the creative process in the mobilization of decolonial praxis. For this purpose, we took into account as the main issue to be under discussed: How do technologies mobilize decolonial praxis in contemporary times? Understanding that technologies can be used as powerful tools to assist in the process of decolonization, promoting the democratization of information, the communication among communities, the empowerment of local communities and the preservation and revitalization of languages and cultures threatened by colonialism from a human and creative process that involves material and cognitive aspects.

KEYWORDS: Technology; Decoloniality; Contemporary times; Society; Empowerment

¹ Pós-Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/BA), Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI/RS), Especialista em Informática na Educação pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e, Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC/SC). Professora Titular A da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/BA). Pró-Reitora de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação da UNEB e Coordenadora o Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC). E-mail: taniah@uneb.br

² Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Especialista em Currículo de Formação Científica, Tecnológica e Cultural (UNEB). Graduado em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Marketing pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Membro do grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB). Pesquisador nas áreas de História, Memória, Práticas Pedagógicas, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Inovação e Geotecnologia. E-mail: tarcarvalho@uneb.br

Introdução

Ao pensar a contemporaneidade, rapidamente somos conduzidos a pensar nos avanços tecnológicos e os atravessamentos que as tecnologias geram nas relações interpessoais, desempenhando um papel cada vez mais importante na sociedade em geral, mobilizando e instituindo dinâmicas socio interacionistas que remetem a reconstituir os destroços do processo civilizatório colonial. O objetivo do presente texto foi pensar as Tecnologias nos contextos da mobilização de práticas decoloniais.

As estruturas coloniais que determinaram o pensamento sobre gênero, raça, etnia e exclusão social estão atreladas às relações de poder, em movimentos sinuosos de imposição e contraposição de poder e muitas vezes são reproduzidas e amplificadas através da tecnologia.

Para tanto, tomamos como questão principal a ser discutida: Como as tecnologias mobilizam práticas decoloniais na contemporaneidade? Compreendendo que as tecnologias podem ser usadas como ferramentas poderosas para ajudar no processo de descolonização, promovendo a democratização à informação, a comunicação entre comunidades, o empoderamento das comunidades locais e a preservação e revitalização de línguas e culturas ameaçadas pelo colonialismo a partir de um processo humano e criativo que envolvem aspectos materiais e cognoscitivos.

Os espaços virtuais permitem o desenvolvimento de estratégias e a produção de saberes e práticas que desafiam a lógica excludente e constituem atos de resistências a essas estruturas de poder, como democratização a informação através dos suportes tecnológicos pautados na inclusão, a diversidade e a participação ativa de todos os membros da sociedade.

A interação com as tecnologias permite este desenvolvimento de práticas decoloniais, a partir do perfil multifacetado, hipertextual, dinâmico e que rompe com as barreiras territoriais, pois fazem parte do cotidiano do tecido social baseadas em valores como a solidariedade, a cooperação e a justiça social, em vez de estarem orientadas para a acumulação de riqueza e poder.

Em suma, a potencialidade das tecnologias nas práticas decoloniais na contemporaneidade é importante porque nos permite identificar formas de usar a tecnologia

de forma mais inclusiva e justa, desafiando as relações coloniais de poder e promovendo a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática.

Tecnologia como processo humano e criativo

Pensar a tecnologia pela tecnologia adentra a lógica moderna e instrumental que operacionaliza e otimiza o trabalho e atividades humanas. Este entendimento, originário no Século XIX, é caracterizado pelo advento da Revolução Industrial, com o objetivo e princípio no crescimento da produção material em larga escala, sendo que para atingir essa pretensão era preciso a “[...] utilização de utensílios e máquinas que substituísse o trabalho pesado do homem; aumento do número de pessoas empregadas nas fábricas; a automação das etapas de produção; a divisão e especialização do trabalho”. (SILVA; SILVA, 2008, p. 371).

Como esse legado, instituindo e solidificado no sentido instrumental e industrial, a técnica (conotada na instância do fazer) e a tecnologia vêm sendo compreendidas como sinônimos, baseadas em uma concepção operativa e mecânica que durante muito tempo e, ainda hoje, por vezes, é a tônica para o entendimento de procedimentos, no qual o ser humano está condicionado a atos repetitivos e seriais para corresponder à produtividade “a todo vapor”.

No entanto, o sentido de tecnologia, antecede o advento da Revolução Industrial, advém do período helenístico/clássico grego, em que se contrapunham aos princípios filosóficos caracterizados pelo pensamento metafísico (campos das ideias), enfatizando os modos de fazer criativo, inventivo e significantes, do pensar e agir humano, a *Teckné*.

A *teckné*, no âmbito do pensamento criativo, é caracterizada a partir do entendimento, vivência e prática inventivas para realização das atividades cotidianas e de adaptação do ser humano no mundo.

Portanto, o pensamento é a fonte matriz da técnica para a compreensão, transformação e superação de determinada situação existente em que a “[...] técnica tem a ver com arte, criação, intervenção humana e com transformação” e a tecnologia está para além das narrativas, envoltas aos equipamentos e ferramentas, pois opera nos aspectos simbólicos e subjetivos do humano.

Neste sentido, representa a consequência do saber/fazer produtivo humano, ou seja, um retorno cultural primitivo de ser e viver em sociedade, articulando o processo simbiótico entre pensar e agir para além dos aparatos maquínicos, pautados na

[...] evolução das interfaces, dispositivos lógicos que servem como mediações entre o ser humano e a técnica o dispositivo técnico, está diretamente relacionada com o processo de desenvolvimento da cognição humana, conseqüentemente, gerando nova ênfase em nosso modo de relação com o conhecimento, ou melhor, gerando uma nova compreensão da produção e difusão social de saberes e de conhecimentos (LIMA JR, 2007, p. 37).

Nesta acepção, a tecnologia, por sua vez, é a técnica evoluída, que é o resultado das demandas advindas do passado que ao longo dos tempos foram sendo resinificadas e aperfeiçoadas. Geralmente a tecnologia está associada ao maquinicismo, robótica, informática e atividades de produções de bens materiais que consideramos como “alta tecnologia”, extremamente desenvolvidas,

Como variável independente aparece então um progresso quase autônomo da ciência e da técnica, do qual depende de fato outra variável mais importante do sistema, a saber, o crescimento econômico. Resulta deste modo uma perspectiva na qual a evolução do sistema social parece estar determinada pela lógica do progresso técnico-científico (HABERMAS, 1973, p. 79).

Desta forma, podemos perceber que a tecnologia como a materialização da ciência, enquanto um conjunto de conhecimentos práticos sobre como utilizar os recursos materiais a favor da humanidade. A técnica, por sua vez, é o esforço prático de dominar e utilizar os recursos materiais, apresentando-se como um conjunto de ferramentas práticas que tornam viável a produção cotidiana da sociedade, modificando as formas de trabalho, lazer, estudo e outros.

Partindo desse entendimento, o processo tecnológico, caracteriza-se no momento em que “[...] relacionar e articular, indissociavelmente, o ser humano e os utensílios e recursos materiais ou imateriais por ele criados, de modo que não há como concebê-los como realidades independentes, e autônomas” (LIMA JR, 2005, p.16).

A relação simbiótica entre o saber e fazer como processo humano, estabelece os suportes, utensílios e recursos materiais e imateriais produzidos pelos sujeitos são desdobramentos/resultados do pensar e da imaginação humana.

A ideia sobre a tecnologia afastada do ser humano, relacionado à máquina, aos objetos e às invenções tecnológicas, como algo personificado e materializado, com vontades e desejos autônomos, vai de encontro as práticas sociais e científicas que permitem o desenvolvimento de soluções pautadas na essência humana.

O ser humano está intimamente relacionado com os processos tecnológicos como a tecnologia está inerente ao ser humano, não podem ser desassociadas uma da outra, pois ambas estão imbricadas enquanto pressuposto da relação intrínseca entre o homem e a máquina, em que um não depende do outro.

Em tese, um é complementa o outro a partir desta relação, que ocorre no campo das ideias, no plano imaterial, ou seja, enquanto lugar possível de constantes elaboração e reelaboração advinda das experiências destes com o grupo social em que se relaciona, para o meio em que ele está inserido.

Portanto, pensar a tecnologia é refletir na própria capacidade, ligada de modo visceral e íntimo, ao ser humano, ou seja, constituinte de sua condição como ser pensante, pois ele cria artifícios e mecanismo para dinamizar as relações sociais, pois

A tecnologia é o conhecimento de uma arte. A arte de buscar soluções a um número significativo de problemas próprios de uma determinada época histórica, e o animal *laborans* desenvolveu um conjunto de ações para dar sustentação à condição da vida humana e o homo *faber* empreendeu seus esforços nas técnicas que criam instrumentos para dominar o mundo em seu favor. Assim, a tecnologia reestruturou profundamente a consciência, a memória humana e a busca de soluções para grandes e pequenos problemas (HETKOWSKI, 2004, p. 94).

Desta forma, a tecnologia articula a criatividade transformativa do sujeito aos recursos, concebidos na dinâmica social instituída e resignifica-os, atribuindo outros significados, para além de uma elaboração sólida, acabada e austera, contrapondo a ideia da tecnologia exterior da subjetividade e cognição humanas, pois será sempre movida pela ação.

Portanto, não é possível considerá-los como organismos vivos que criam sua própria maneira de sobrevivência interdependente, pois, a natureza humana é a origem

da tecnologia (reavivando/retornando à noção de *teckné*), como produto final de atos cognitivos, reflexivos e humanos.

Neste sentido, criativo e transformativo que as tecnologias mobilizam que constituem a condição humana (pensar e agir), inclusive e sobretudo quando nos reportamos às questões do lugar, do pertencimento, da memória dos sujeitos que constroem e questionam a História e os processos coloniais.

As tecnologias têm o humano como fulcro vital das ações, pois operam com a subjetividade, criatividade e imaginação aliada às experiências, memórias, sentido nos percursos que trilhou ao longo da vida em consonância com as práticas nos espaços que habitam, ressinificando saberes e conhecimentos relacionados ao lugar.

Isso nos leva a pensar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como um forte dispositivo decolonial na capacidade potencial de expressão de ideias, opiniões, pensamento e sentimentos, como ato de

[...] pensar nas diferentes linguagens como forma de inserir e explorar na escola a cultura da informação e do conhecimento. E mais, é por meio da oralidade como laço visceral, da escrita como possibilitadora de sentidos e significados que as informações, através das mídias, estreitam os espaços-tempo da sociedade e alargam os horizontes da Educação (HETKOWSKI, 2004, p. 97).

Neste interim, a convergências de múltiplas linguagens, estabelece e amplia os atos comunicacionais, para além da oralidade, sinais, símbolos, caracteres, sons. Portanto, as TIC ajudam a potencializar, valorizar, difundir e preservar as marcas e trajetórias dos sujeitos ao longo da história nos lugares e espaços, ao tempo em que amplia estas ações e cria um espaço colaborativo para práticas decoloniais.

A decolonialidade é um conjunto de teorias críticas que questionam a dominação colonial e buscam formas de descolonizar as mentes, as práticas e as estruturas sociais. A decolonização é um processo de reconstrução de relações sociais justas e equitativas que podem incluir mudanças nas tecnologias, infraestruturas e sistemas de conhecimento.

Desta forma, a intensificação do uso das tecnologias tem uma estrita ligação com os processos humanos e as práticas decoloniais realçando a capacidade humana de reestruturar e reelaborar suas práticas, em um movimento fecundo de renovação e

mudanças, contra a colonização e influenciando o desenvolvimento de tecnologias e sua implementação na sociedade.

As práticas decoloniais na contemporaneidade

O estudo da Decolonialidade busca analisar e desconstruir as estruturas de poder e dominação que foram estabelecidas durante o processo de colonização e ainda persistem na sociedade contemporânea, pautando uma abordagem crítica e reflexiva sobre as formas de conhecimento e poder que foram estabelecidas durante o processo colonial, buscando descolonizar o pensamento e promover a diversidade epistemológica e cultural que “[...] necessitam uma narrativa histórica que reconstrua sua memória, no sentido de suas lutas” (DUSSEL, 1995, p. 32).

Isso implica em questionar a universalidade e objetividade do conhecimento ocidental, que muitas vezes marginaliza e silencia outras formas de conhecimento e culturas a partir da lógica moderna de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, reiterando um princípio de liberdade pós-colonial em que “[...] a comunidade crítica deve desconstruir efetivamente no sistema sua negatividade e transformá-lo (ou produzir outro novo), para que as vítimas possam viver, participando simetricamente nas decisões” (DUSSEL, 1995, p. 29).

A busca pela desconstrução das hierarquias e desigualdades sociais que foram estabelecidas durante a colonização e que ainda persistem na atualidade, promovendo a igualdade, a justiça social e o respeito à diversidade cultural quando,

[...] reconhece responsabilmente que as vítimas não podem reproduzir-desenvolver sua vida nem participar simetricamente na discussão daquilo no qual estão afetadas, está obrigado/a: (a) negativamente desconstruir realmente as normas, ações, instituições ou estruturas históricas que originam a negação material da vítima; e (b) positivamente, transformar ou construir as normas, ações, instituições ou as estruturas necessárias para que a vítima possa (b.1) viver humanamente, (b.2) com participação simétrica, (b.3) efetuando realmente as exigências factíveis ou alternativas que consiste em transformações, sejam parciais ou estruturais (DUSSEL, 1986, p. 17).

A crítica à colonialidade do poder imposto aos povos pela barbárie da colonização, evidencia como essas relações continuam a existir e a perpetuar desigualdades sociais, culturais e econômicas, a partir de hierarquias epistêmicas, necessitando uma abordagem crítica em relação ao conhecimento ocidental hegemônico, questionando sua suposta neutralidade e objetividade, e reconhecendo a diversidade de saberes e práticas epistêmicas uma vez que,

[...] a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la (LARROSA, 2014, p. 74).

A partir da experiência do sujeito compõe a diversidade cultural e a necessidade de respeitar as diferentes formas de vida, saberes e práticas culturais, promovendo a convivência e a cooperação entre elas, reconhecendo a subjetividade como um elemento importante na construção do conhecimento e na transformação social, valorizando as experiências, emoções e subjetividades dos indivíduos e dos grupos sociais que resulta em,

[...] teorias-práticas de formação humana que capacitam os grupos subalternos para a luta contra a lógica opressiva da modernidade/colonialidade, tendo como horizonte a formação de um ser humano e de uma sociedade livres, amorosos, justos e solidários (MOTA NETO, 2016, p. 318).

Como resultado encontra-se a promoção da justiça social, buscando desconstruir as desigualdades sociais, culturais e econômicas, e promover a igualdade de oportunidades e direitos para todos, pautando na ação e reflexão crítica que institui uma prática decolonial.

A prática decolonial se baseia na premissa de que a colonização e suas consequências não são fatores sociais isolados da História da humanidade, mas representam processos que afetam a vida e a cultura de muitos povos e grupos sociais.

Uma prática decolonial envolve uma abordagem crítica em relação às hierarquias e desigualdades sociais, culturais e econômicas que foram estabelecidas durante o processo de colonização, e busca promover a igualdade de oportunidades e direitos para todos. Além disso, a prática decolonial reconhece e valoriza a diversidade cultural e a pluralidade epistêmica, promovendo o diálogo e a cooperação entre diferentes saberes e práticas culturais pois,

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p. 34).

Essa prática pode ser aplicada em diversas áreas, como a educação, a cultura, a política, a economia, entre outras, buscando desconstruir as formas de opressão e promover a transformação social. Para isso, é necessário um compromisso constante com a reflexão crítica, o diálogo, a cooperação e a construção de alianças entre diferentes grupos e movimentos sociais.

Isto leva a reconhecer as estruturas de poder e as formas de opressão presentes na sociedade e em nossas práticas cotidianas, buscando desconstruí-las e promovendo a igualdade de oportunidades e direitos para todos, no momento em que questiona o conhecimento hegemônico ocidental e reconhecer a diversidade epistêmica, promovendo o diálogo e a cooperação entre diferentes saberes e práticas culturais.

A tecnologia e as práticas decoloniais na contemporaneidade

A relação entre tecnologia e decolonialidade é complexa e multifacetada. Em geral, a tecnologia tem sido vista como um agente de mudança que pode promover a descolonização, mas também pode perpetuar as relações coloniais de poder,

A busca de alternativas à conformação profundamente excludente e desigual do mundo moderno exige um esforço de desconstrução do caráter universal e natural da sociedade capitalista-liberal. Isso requer o questionamento das pretensões de objetividade e neutralidade dos principais instrumentos de naturalização e legitimação dessa ordem social: o conjunto de saberes que conhecemos globalmente como ciências sociais (LANDER, 2005, p. 08).

A tecnologia tem sido usada para oprimir e controlar povos colonizados e marginalizados, como a coleta de dados em massa para fins de vigilância, a automação de trabalho e a exclusão digital. No entanto, a tecnologia também pode ser usada como uma ferramenta para resistir à opressão e promover a libertação no dia a dia pois,

Nós adiamos o fim de cada mundo, a cada dia, exatamente criando um desejo de verdade de nos encontrarmos amanhã, no final do dia, no ano que vem. Esses mundos encapsulados uns nos outros que nos desafiam a pensar um possível encontro das nossas existências – é um desafio maravilhoso (KRENAK, 2020, p. 08).

Este desafio da tecnologia nas práticas decoloniais perpassa pela ampliação do acesso à informação pois a tecnologia pode ser usada para ampliar o acesso à informação, possibilitando que mais pessoas tenham acesso a perspectivas e histórias que antes eram ignoradas ou silenciadas. Isso pode ajudar a desafiar narrativas coloniais dominantes e promover a diversidade cultural.

Assim reestabelece o fortalecimento da comunicação entre comunidades no momento a tecnologia pode ser usada para conectar comunidades que estão separadas geograficamente, permitindo que elas compartilhem informações, ideias e perspectivas. Isso pode ajudar a construir pontes entre diferentes culturas e promover a solidariedade entre os povos colonizados.

A tecnologia pode ser usada para capacitar as comunidades locais, permitindo que elas controlem e usem suas próprias ferramentas e recursos. Isso pode ajudar a diminuir a dependência das comunidades colonizadas em relação a empresas e governos externos, promovendo a autodeterminação.

Adotar uma prática tecnológica decolonial pode ser um processo desafiador, mas é uma ação necessária para desafiar as relações coloniais de poder que ainda existem na tecnologia, reconhecendo as estruturas coloniais de poder existentes na tecnologia e na sociedade em geral,

se refere às práticas através das quais os sujeitos, tendo feito uma elucidação das determinações econômicas, sociais e ideológicas que determinantes econômicos, sociais e ideológicos impostos pelos objetos tecnológicos que os cercam, expressam no uso competente desses objetos, sua criatividade e sua liberdade para adaptá-los criativamente às suas próprias necessidades, no âmbito do a construção de projetos de autonomia individual e coletiva. (MORALES, 2009, p. 116).

Isso inclui reconhecer as formas pelas quais a tecnologia tem sido usada para oprimir e excluir grupos marginalizados, e também reconhecer as formas pelas quais o conhecimento e a cultura ocidentais foram impostos como superiores a outras formas de conhecimento e cultura.

Desafiar os padrões hegemônicos na tecnologia reproduz e perpetua as relações coloniais de poder, e buscar alternativas que possam desafiar esses padrões, como o uso de tecnologias livres e de código aberto,

[...] as formas pelas quais as culturas estão se apropriando das novas tecnologias de comunicação e, portanto, as novas visibilidades sociais e políticas que passam pela mídia cidadã, como o blog ou a página da Internet (que) “nos obriga a refletir não em termos de recepção, mas em termos de apropriação e empoderamento (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 18).

Isso inclui a promoção de práticas de desenvolvimento inclusivas, a inclusão de grupos marginalizados na tomada de decisões e a promoção da diversidade na equipe de desenvolvimento, no uso de tecnologias alternativas, como tecnologias baseadas em servidores e bancos de dados, que possam promover a descentralização e a distribuição do poder.

A promoção de cursos, workshops e outros tipos de eventos que possam educar as pessoas sobre as relações coloniais de poder na tecnologia e como desafiar essas relações.

Assim, ter uma prática tecnológica decolonial envolve reconhecer as estruturas coloniais de poder existentes na tecnologia e buscar alternativas que possam desafiar essas estruturas, promovendo a inclusão, a diversidade e o conhecimento crítico sobre tecnologia.

Considerações Finais

Em suma, a tecnologia está presente onde o homem se faz presente, ou seja, o sistema de objetos coexiste com os sistemas de ações e, as tecnologias são resultadas de um esforço humano no que se refere ao domínio da natureza e das suas necessidades de vida e de satisfação como ser da incompletude.

Assim, destacamos a necessidade de reflexões à ampliação conceitual sobre o sentido e significado das tecnologias através de práticas decoloniais instituintes, criando novas formas de produção e valorizando os conhecimentos científicos, os saberes narrativos e as experiências dos sujeitos, princípios da decolonialidade.

A decolonialidade está caracterizada na contemporaneidade como um conjunto de teorias críticas que questionam as estruturas e relações coloniais de poder e buscam formas de descolonizar as mentes, as práticas e as estruturas sociais.

A relação com a contemporaneidade a decolonialidade aborda questões como a discriminação racial, a exclusão social, a marginalização de povos indígenas e a persistência de formas de colonialismo no mundo globalizado. A decolonialidade também critica as ideias eurocêntricas e ocidentais que se tornaram dominantes no mundo, desafiando a noção de que o conhecimento e a cultura europeus são superiores a outras formas de conhecimento e cultura.

A decolonialidade na contemporaneidade também busca formas de superar a opressão e a exploração capitalista, defendendo modelos alternativos de economia e sociedade que não sejam baseados na acumulação de riqueza e poder. A decolonialidade também busca formas de reconstruir as relações sociais de forma justa e equitativa, promovendo a participação ativa e a inclusão de todos os membros da sociedade.

Quando correlacionada com o potencial das tecnologias, adentra a possibilitar a comunicação e organização a partir das redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de compartilhamento de arquivos, permitem que as pessoas se comuniquem e se organizem de

forma rápida e eficiente. Isso pode ser usado para mobilizar protestos, compartilhar informações e recursos, e construir redes de apoio.

A tecnologia pode ser usada para fornecer acesso a recursos educacionais e promover o conhecimento sobre questões de opressão e marginalização. Por exemplo, cursos online, podcasts, documentários e livros digitais podem ajudar a capacitar indivíduos e comunidades.

Outro aspecto do uso da relação entre a tecnologia e práticas decoloniais possibilita monitoração, documentação de abusos de poder, violações de direitos humanos e outras formas de opressão. Câmeras de celular, drones e outras tecnologias de vigilância podem capturar imagens e vídeos que podem ser usados como evidência em casos legais e para conscientização pública.

Em suma, a questão levantada “como as tecnologias mobiliza práticas decoloniais na contemporaneidade?” é respondida pelo movimento de promover a libertação, mas sua eficácia depende da maneira como é usada e do contexto social em que é aplicada, desafiando a superar as estruturas e relações coloniais de poder em todas as suas formas, promovendo a justiça social, a igualdade e a inclusão de todos os membros da sociedade.

Referências

DUSSEL, Enrique. *Método para uma filosofia da libertação*. São Paulo: Editora Loyola, 1986.

_____. *A invenção das Américas*. Nova Iorque: Continuum, 1995.

FANON, Frantz. [1963]. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HABERMAS, J. *Tecnologia e Ciência como Ideologia*. 6ª edição Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1973.

HETKOWSKI, Tânia Maria. *Políticas Públicas: Tecnologias da Informação e Comunicação e Novas Práticas Pedagógicas*. FAGED/UFBA, Janeiro de 2004. Disponível em http://www.cdi.uneb.br/pdfs/teses/tania_maria_hetkowski.pdf. Acesso em 04 mai 2023.

KRENAK, A. *Do tempo*. N-1edições. 2020. Disponível em: https://pospsi.com.br/wpcontent/uploads/2020/09/TEXTOS_38-ailton-krenak.pdf. Acesso em: 05 mai 2023.

LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LIMA JUNIOR, Arnaud Soares de. *Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

LIMA JR, Arnaud Soares de. *A Escola no Contexto das Tecnologias de Comunicação e Informação: do dialético ao virtual*. Salvador: EDUNEB, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. *Políticas de comunicación y cultura*. Série: Dinámicasinterculturales Número 11. Políticas de la comunicación y la cultura: Claves de la investigación. Barcelona, CIDOB edicions. 2008.

MORALES, Susana. *La apropiación de TIC, una perspectiva*. In: MORALES, S. y LOYOLA, M.I. Los jóvenes y las TIC. Apropiación y uso en educación. Córdoba, Edición de las autoras. 2009.

MOTA NETO, J. C. *Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Curitiba: CRV, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2008.